FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XII

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
1973

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

J. W. HAYES, *Late Roman Pottery*, Londres, 1972, 498 p., 93 figs., 40 mapas e 23 ests. £ 9.00.

Apresenta-se este livro, em subtítulo, como um *catálogo de loiças finas, romanas*. Na realidade constitui muito mais e poderemos justamente considerá-lo como um manual indispensável a qualquer estudioso das cerâmicas finas produzidas nas províncias romanas do Mediterrâneo entre os finais do séc. i d.C. e o séc. vn e filiadas numa mesma tradição de origem helenística.

Além do estudo das formas ao qual concede um lugar primordial, o A. discute processos de fabrico e técnicas de decoração e busca as conexões artísticas, a cronologia e o significado histórico da exportação desses produtos.

Muito importante é a hipótese da utilização de moldes na manufactura de diversas formas que até agora se considerava feitas simplesmente ao torno.

A cronologia é revista e o A. propõe cautelosamente (p. 2) diversas alterações. Salienta-se a tendência (apoiada em importantes escavações no Oriente tais como Antioquia, Dura-Europos, Corinto, Atenas, Karanis, Sabrata e Cosa) para alargar ou mesmo baixar a datação de certos fabricos o que obriga a cuidadosa reflexão, especialmente sobre os materiais provenientes de estações em que a estratigrafía não fornece elementos rigorosos, devido a remeximentos profundos em diferentes épocas.

Mais de metade da obra é dedicada ao grupo diversamente conhecido por *terra sigillata Chiara A, C e D, Late A e* 2?, *Late Roman Red Ware.* O A. regeita essas designações e propõe substituí-las por *African Red Slip Ware*, expressão que atribui a K. M. Kenyon (p. 13, nota 1). Lembramos que em 1961, Baradez não duvidava em situar a origem desses produtos no Norte de África e nos dava uma notável informação de ordem tecnológica ao designá-lns por *céramiques fines rouge-orange africaines à engobe lissé au tour.*

Dada a variedade de cerâmicas com engobe vermelho, mais ou menos aparentadas dentro da categoria em questão, torna-se difícil determinar o que deve ser considerado fabrico autêntico e o que pode classificar-se como imitação ou produto local. O critério proposto pelo A. é justo e deverá ser internacionalmente aceite: chamar-se-á *African Red Slip Ware* apenas àqueles fabricos que foram regularmente exportados (p. 13).

Ainda assim, contam-se muitas variedades. As classificações de Waagé e Lamboglia, desde há muito consagradas, distinguem somente as classes principais. O A. critica-as, mas não se propõe, nem substituí-las, nem completá-las e nisso reside o ponto mais vulnerável da sua tese. O estudo que oferece visa apenas uma análise da gama dos fabricos, tentando, sempre que possível, seriá-los no tempo e relacioná-los com as formas dos vasos.

Pelo contrário, apresenta uma nova tipología que serve de base a toda a sua classificação destas cerâmicas, argumentando que, em geral, diferenças peculiares de fabrico se associam a formas peculiares (p. 288) que permitem distingui-los mais facilmente.

É evidente que ambas as posições são defensáveis. Todavia, a do A. parece-nos denunciar um critério de facilidade que só deveria praticar-se quando a classificação por fabricos bem definidos fosse impossível. A experiência mostra que os diferentes grupos têm um significado não só geográfico, mas também cronológico o que permite datar, com relativa segurança, mesmo o fragmento mais pequeno que não apresente qualquer indicação válida quanto à forma. O mesmo se poderá dizer da datação de vasos cujo perfil seja totalmente desconhecido e surja isolado ou num contexto não datável.

Além disso, seria mais elucidativo dizer, a propósito da Forma 24, por exemplo, que possui fabrico de tipo *Lamboglia A* ou *Waagé early late Tinman B* de muito boa qualidade, do que, simplesmente, «muito boa qualidade, comparável ao das Formas 35 e 36» (p. 49). Sobre estas diz o A. exactamente a mesma coisa (p. 56-57) especificando apenas para um dos exemplares que tem «paredes finas e engobe brilhante, de boa qualidade».

A distribuição das formas por grupos de fabricos tornaria mais fácil a consulta desta tipología que, assim, é incómoda e morosa.

Uma documentação fotográfica adequada das pastas e dos engobes teria sido da maior utilidade para caracterizar os fabricos analisados na p. 287 e ss.

Na introdução previne o A. que a sua atenção se detém especialmente nas cerâmicas do Mediterrâneo oriental, porquanto os produtos do Ocidente já foram parcialmente estudados e a experiência que tem deles é limitada.

Por outro lado, a bibliografia respeitante ao Ocidente não foi exaustivamente considerada, mesmo a anterior a 1968, data em que a obra se encontrava quase pronta (p. 2).

Só temos que lamentar o facto, pois em alguns casos as conclusões propostas pelo A. seriam outras se tivesse podido considerar atentamente essas regiões.

Ocorrem-nos os seguintes comentários:

Forma 12 = Lamboglia 22 b. Cremos que não se trata de uma pequena taça, rara, cuja base está provavelmente relacionada com as formas que a precedem (p. 38). Em Belo encontrou-se um exemplar completo com pé alto que dá à peça o aspecto de um cálice atarracado (Cf. F. Mayet, *Sigillée--claire en Espagne: une forme complète inédite*, «Mélanges de la Casa de Velázquez», 6, 1970, p. 433-34). Aos três fragmentos apontados pelo A.

(Ager Falicus, Albenga e Tipasa) podem juntar-se mais três fragmentos de bordos lisos e um pé proveniente de Tipasa (Baradez, «Libica», 9, 1961, Est. I, fig. 30-32 e Est. II, fig. 29), dois fragmentos de bordos não decorados recentemente descobertos em Conimbriga (inéditos) e um fragmento de bordo igualmente liso encontrado en Antioquia (Waagé, 1948, núm. 885). Pena é que nenhum destes exemplares permita datar o tipo com segurança. De qualquer forma não nos parecem um fabrico tardio como admite o A. ao ver no fragmento de Antioquia uma possível variante da sua forma 102 (fins séc. vi-início séc. vn?).

Forma 42 — Travessa baixa com bordo largo formando duas asas recortadas (p. 60). O A. vê nela uma versão antiga do fabrico representado pelas formas 48-50 (Lamboglia, s.c.G), mas com engobe nas duas faces.

Aos dois exemplares ilustrados (Haidra e Veii) deve juntar-se uma travessa encontrada em Farrobo (Aljustrel), fazendo parte de um rico espólio funerário cuja data tem sido muito discutida (Cf. Freire d'Andrade, «Arq. de Beja», 20-21, 1963-1964,' p. 115-122, Fig. 2 e Est. I; Almagro Gorbea, «Arq. de Beja», 23-24, 1966-67, p. 213-221, Fig. 2); Jorge de Alarcão, «Journal of Glass Studies», 10, 1968, p. 71-78, fig. 1). Esta peça é ainda importante pela marca de oleiro que exibe na parede interna, embora infelizmente ilegível.

Mapa 2 — Forma 3 B-G (Cf. Mapa 20) — Acrescentar: Beja, Aljustrel, Faro, Lagos (Delgado, «Conimbriga», 7, 1968, Est. I, 11 e 12, Est. II, 1 e 2); Miróbriga (Pereira, *Actas II Cong. Nac. Arq*., II, Goimbra, 1971, Est. 1, 11); Alicante (Martin e Serres, *La factoria pesquera...,* Valência, 1970, fig. 24, 31, Fig. 39, 34; Munigua (Vegas, «Not. Arq. Hisp.», 13-14, 1969-70, p. 83); Carteia *(Exc. Arq. en Esp.,* 58, 1967, fig. 31, 658, fig. 40, 481 e 491).

Mapa 3 — Forma 8 A (Cf. Mapa 21)—Acrescentar: Sines (inédito), Beja (Delgado, *ibid.,* Est. I, 1-3); Torre de Palma (inédito); Carteia *(ibid.,* fig. 31, 635 e 615; fig. 35, 408; Fig. 40, 482; Fig. 74, 1136 e 1137).

Forma 8B — Málaga (Serrano, *La T. S. del Teatro...,* Málaga, 1970,
Ag. i).

Forma 9 A — Acrescentar: Sines e Aljustrel (inédito); Beja, Lagos (Delgado, *ibid.* Est. I, 4-6 e 9); Torres Novas (Alarcão, «Arq. de Beja», 23-24, 1966-67, Est. IV, 5); Carteia *(ibid.,* fig. 72, 1125 e fig. 74, 1138; Málaga *(ibid.,* fig. 2).

Forma 9B — Sines (inédito); Beja (Delgado, *ibid.,* Est. I, 7 e 8); Valência (Martin Avila, «Saitabi», 12, 1962, fig. 5, 53).

Mapa 5 — Forma 23 (Cf. Mapa 23) — Acrescentar: Lagos, Faro (Delgado, *ibid.* Est. II, 5-7); Málaga (Serrano, *ibid.,* fig. 8).

Mapa 6 — Formas 48-50 (Cf. Mapa 24) Acrescentar: 48 A — Sines e Mértola (inédito); Lagos (Delgado, *ibid.,* Est. Ill, 9); Conimbriga (inédito); Vila Nova da Telha (Cortez, «Beira Alta», 10, 1951, fig. 33); 48 B — Torres Novas (Alarcão, *ibid.,* Est. IV, 2); 50 — Elvas, Vila Viçosa, Beja, Aljustrel. Valência, Tarragona (Delgado, *ibid.,* p. 58-59); Torres Novas (Alarcão, *ibid,* Est. IV, 3; Miróbriga (inédito + Pereira, *ibid,* Est. I, 12); Alicante (Martin e Serres, *ibid.,* fig. 46).

Mapa 7 — Decoração aplicada e em relevo, estilo tardio (Cf. Mapa 25). Acrescentar: Tróia *(Cat. Exposição II Cong. Nac. de Arq.,* Coimbra, 1970, vitrina 8,1 + inédito); Beja (inédito); Braga (inédito); Conímbriga (inédito); Fiães (inédito); Alicante (Tarradel — Martin, *Papeles del Lab. de Arq. de Valencia*, 8, 1970, Est. XV); Elche, Roquetas de Mar, Rambla de Morales (Zoreda, «Trabajos de Prehist.», 28, 1971, figs., 10, 12 e 14).

Mapa 8 — Estampada, estilo A (Cf. Mapa 26) Acrescentar: Sacoias (Cortez, «Beira Alta», 10, 1951, p. 12); Braga (Sousa, «Arq. de Beja», 23-24, 1966-67, fig. 1-8); Santo Amaro *(Actas do II Cong. Nac. Arq.,* Coimbra, 1971, p. 468); Monte Mózinho (inédito); Viseu (inédito); Beja (inédito); Sines (inédito); Quinta do Marim (Almeida, *O Arq. Portugués*, 3-4; 1965, Est. Ill, 300; Loulé (inédito); Balsa (inédito); Faro (inédito); Quarteira (Paço e Farrajota, «Arqueologia e Historia», 12, 1966, fig. 6); Torre de Palma, Elvas, Mértola e Lagos (Jodin e Ponsich, «Bull. d'Arch. Mar.», 4, 1960, p. 296, nota 2).

Mapa 9 — Estampada, estilo B (Cf. Mapa 27): O A. interroga a sua existência em Conímbriga. Não reconhecemos aqui este estilo.

Mapa 10 — Estampada, estilo D, (Cf. Mapa 28): O A. admite sob reserva a presença deste estilo em Conímbriga. Na realidade existem ainda inéditos a forma 82 e um fragmento de fundo com crismon tipo Hayes, 300 conjugado com faixas de guiloché e finas caneluras (estilo D, tardio).

O estilo E, cuja carta de distribuição o A. não apresenta, difundiu-se pelo contrário, abundantemente, por toda a Península. Interessante é referir a existência no Museu Nacional de Arqueologia ,Lisboa, de um prato (inédito) de forma 86 = Lamboglia 60, decorado com uma cruz latina e três pombas. Hayes não conhece nenhum exemplar estampado para esta forma que considera rara (p. 133).

Embora não possa localizar as fábricas que produziram a *R. S. Ware,* o A. apresenta boas razões para atribuí-las a uma região compreendida na Tunísia actual, distinguindo três centros principais situados à volta de el-Djem, de Cartago e entre Sfax e Gabès.

O mesmo não acontece com a cerâmica a que Waagé chamou *Late Roman C* e que a partir do séc. iv compete, no Oriente com a produção africana. Não podendo atribuí-la a nenhuma região definida, o A. conserva a designação pela qual é conhecida entre especialistas.

A sua distribuição no Ocidente é certamente muito maior do que se poderia supor. Ao exemplar de Braga (Forma 3, grupo II G) apontado no mapa 15, devemos poder juntar mais três fragmentos estampados de Conímbriga (Alarcão, «Arq. de Beja», 20-22, 1963-64, Est. III, 17 e Est. II, 17 e 18). Este último apresenta um fabrico amarelado, raro nesta cerâmica e que pode corresponder a uma fase inicial da produção como sugere Hayes, p. 324). Pertencem aos grupos decorativos II C e II B, respectivamente. A Forma 3 é, aliás, muito frequente em Conímbriga, onde se conhece também a Forma 5.

Quanto à distribuição da T. S. cinzenta = Rigoir, *DSP grise* (Cf. Mapa 35) convém notar que esta cerâmica embora se encontre escassamente na Penín-

sula Ibérica, tem aí larga difusão. Em Espanha existe não só na zona levantina e no Sudeste, mas também em Málaga, Mérida, Burgos, Clunia e Pamplona. Em Portugal conhece-se em Braga, Fiães, Conímbriga (Alarcão, «Arq. de Beja», 22, 1965, 191-196), Vila Marim e Faro.

A propósito dos três grupos estabelecidos por Rigoir, sugere o A. (p. 403) que eles possam representar diferentes fases cronológicas e não apenas produção de regiões distintas. Esta sugestão merece ser aprofundada.

Pena é que o A. não tinha ilustrado todas as formas e os diversos esquemas decorativos. Essa lacuna rouba clareza à sua cuidada exposição e obriga o leitor a munir-se de copiosa bibliografia, em grande parte inacessível à maioria dos estudiosos. Tábuas recapituladoras das formas, por tipo de vaso (taças, pratos, bilhas, etc.) teriam sido um precioso auxiliar.

A. ALARCÃO

FELIPE ARIAS VILAS, *Las Murallas Romanas de Lugo*, Santiago de Compostela, 1972.

A bibliografia das muralhas romanas de Lugo, bibliografia que Felipe Arias Vilas resume no capítulo II deste trabalho, é abundante. O estudo agora publicado supera os anteriores trabalhos pelo cuidado posto na recolha exaustiva de referências bibliográficas e dados arqueológicos sobre as muralhas lucenses e pelo exame comparativo desta obra com as fortificações urbanas da mesma época nas províncias ocidentais do império romano.

A monografia agora apresentada não é, evidentemente, definitiva. Trabalhos futuros de limpeza e desafogo da muralha poderão ainda oferecer dados para uma datação mais precisa da obra ou para a solução de alguns dos problemas que a reconstituição do seu alçado levanta. Por outro lado, não obstante a documentação topográfica que o autor recolheu, falta um levantamento pormenorizado que actualize as plantas de 1871, de Schulten e de Richmond (1931) e desenhos ou fotografias dos alçados que permitam um melhor estudo do aparelho e das técnicas de construção. Não estão aqui em causa as qualidades do investigador, mas a assistência que a Junta Provincial de Lugo ou a Universidade de Santiago de Compostela não puderam, evidentemente, oferecer-lhe.

Um primeiro e breve capítulo é dedicado à situação e à fundação da cidade. No segundo e terceiro, o autor resume as referências de vários escritores, desde H. Künig de Wach (1496) a Abel Vilela (1972), às muralhas de Lugo e menciona documentos e plantas medievais e modernos que permitem acompanhar as vicissitudes que a muralha sofreu ao longo dos séculos.